



Dave Grohl

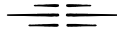
O CONTADOR
DE HISTÓRIAS



Memórias de vida e música

Dave Grohl

O CONTADOR DE HISTÓRIAS



Memórias de vida e música

Tradução de
Alexandre Raposo, Jaime Biaggio
e Leonardo Alves



Copyright © 2021 by David Eric Grohl

TÍTULO ORIGINAL

The Storyteller: Tales of Life and Music

CRÉDITO DAS IMAGENS

Páginas 3, 14, 20, 32, 39, 44, 48, 65, 78, 86, 96, 98, 116, 134, 141, 155, 185, 200, 204, 211, 216, 274, 286, 309 e 398: cortesia do autor. Páginas 4, 10, 270, 410: cortesia de Magdalena Wosinska. Página 18: cortesia de Kevin Mazur. Página 68: cortesia do autor, parte dos arquivos da Ruthless Records. Páginas 93, 119, 120, 123, 124, 128 e 130: cortesia de Virginia Grohl. Páginas 170 e 179: cortesia de Charles Peterson. Página 218: cortesia de John Silva/SAM. Páginas 232, 236, 258, 260, 261, 300, 330, 334, 348 e 388: cortesia de Danny Clinch. Páginas 266, 352, 368 e 375: cortesia de Jordyn Blum. Página 282: cortesia de Mary McCartney. Página 316: cortesia de Ross Halfin. Página 356: cortesia de Brantley Guitierrez. Página 408: cortesia de Andreas Neumann.

PREPARAÇÃO

Laura Folgueira
Stella Carneiro

DESIGN DE CAPA

Jeanne Reina

REVISÃO

Ana Cristina Gonçalves
Iuri Pavan
Ulisses Teixeira

FOTOS DE CAPA

Magdalena Wosinska/HarperCollins Publishers

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Henrique Diniz

PROJETO GRÁFICO

Renata De Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO

Angela Boutin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G897c

Grohl, Dave, 1969-

O contador de histórias : memórias de vida e música / Dave Grohl ; tradução Alexandre Raposo, Jaime Biaggio, Leonardo Alves. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
; 23 cm.

Tradução de: The storyteller : tales of life and music
ISBN 978-65-5560-558-7

1. Grohl, Dave, 1969-. 2. Foo Fighters (Conjunto musical). 3. Nirvana (Conjunto musical). 4. Músicos de rock - Estados Unidos - Biografia. I. Raposo, Alexandre

21-73962

CDD: 781.66092

CDU: 929:78.071.2

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

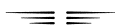
22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

INTRODUÇÃO



AUMENTE O SOM

Às vezes, esqueço que envelheci.

Minha cabeça e meu coração parecem me pregar uma peça cruel, me deixando com a falsa sensação de juventude ao encarar o mundo todos os dias com os olhos idealistas e travessos de uma criança rebelde que enxerga valor e felicidade nas coisas mais básicas e simples.

Uma rápida olhada no espelho é o suficiente para me lembrar de que não sou mais aquele garotinho com uma guitarra fuleira e uma pilha de discos ensaiando sozinho por horas a fio na esperança de um dia quebrar as barreiras e expectativas de uma vidinha classe média de comercial de margarina na Virgínia. Não. Meu reflexo agora exhibe dentes lascados num sorriso baleado, todos rachados e retraídos, o esmalte desgastado por anos de fricção com os microfones. Vejo as olheiras fundas sob meus olhos caídos, fruto de décadas de fusos horários trocados, de sono perdido em nome de mais uma preciosa hora de vida. Vejo os tufos brancos da minha barba. E sou grato por tudo isso.

Anos atrás, me pediram para tocar no show beneficente 12-12-12, para as vítimas do furacão Sandy. Foi no Madison Square Garden, em Nova York, com a meca do rock and roll: McCartney, The Rolling Stones, The Who, Roger Waters e mais uma penca de nomes de

primeira. Em certo momento, um dos promotores me abordou e perguntou se eu poderia me juntar a alguns daqueles artistas icônicos na coxia para tirar fotos com fãs que haviam doado bastante dinheiro para a causa. Honrado por fazer parte daquilo, aceitei com o maior prazer e cruzei o labirinto de corredores do backstage rumo ao que imaginava ser uma sala repleta de história do rock and roll, todo mundo enfileirado como numa foto de turma do colégio, casacos de couro e sotaques britânicos para todos os lados. Ao chegar lá, para a minha surpresa, encontrei só dois artistas, cada um no seu canto. Um tinha a aparência reluzente de um carro de luxo novinho em folha. Cabelo impecavelmente tingido, bronzamento artificial e sorriso recém-recauchutado que parecia saído de uma embalagem de chiclete (uma tentativa óbvia de tentar adiar o processo de envelhecimento que acabou criando o efeito contrário, dando a aparência de uma parede desgastada com excesso de demãos de tinta). O outro parecia um carro envenenado, mas já nas últimas. Cabelo grisalho desgrenhado, cara emburrada com vincos profundos, dentes que poderiam ter pertencido a George Washington e uma camiseta preta tão apertada no torso de barril que você percebia na mesma hora: esse aí está pouco se fodendo.

Pode parecer clichê falar em epifania, mas, num lampejo, enxerguei o meu futuro. Decidi ali mesmo que seria como o segundo. Que celebraria os anos que estavam por vir aceitando o efeito que teriam sobre mim. Que aspiraria a me tornar o carro envenenado nas últimas, mesmo que passasse o restante da vida pegando no tranco. Nem tudo precisa de polimento, afinal. Se você deixar uma guitarra Pelham Blue Gibson Trini Lopez dentro do case por cinquenta anos, ela vai parecer recém-saída da fábrica. Mas, se pegá-la, expô-la ao sol, deixá-la respirar, suar em cima dela, TOCAR a porra da guitarra, com o tempo ela vai ganhar um tom próprio. E cada instrumento envelhece de um jeito totalmente diferente. Isso que é beleza para mim. Não o brilho da perfeição pré-fabricada, mas a

beleza da individualidade, do tempo e da sabedoria que só vem com a experiência.

Por um milagre, minha memória ainda está relativamente intacta. Desde pequeno, sempre medi a minha vida por parâmetros musicais, não por meses ou anos. Para me lembrar de um lugar ou de uma época específicos, minha mente se guia fielmente por canções, álbuns e bandas. Das rádios AM dos anos 1970 a cada microfone diante do qual eu tenha me colocado, sou capaz de lembrar pessoas, coisas, locais e momentos pelas primeiras notas de qualquer música que tenha saído de uma caixa de som e entrado na minha alma. Ou da minha alma para as caixas de som de vocês. Para alguns, sabores desencadeiam reminiscências. Para outros, são imagens ou cheiros. No meu caso, são sons, tocando como uma mixtape inacabada esperando pelo momento de ser enviada.

Embora nunca tenha sido de colecionar “coisas”, eu coleciono momentos. Portanto, nesse sentido, minha vida passa diante dos meus olhos e ouvidos todos os dias. Neste livro, capturei alguns desses momentos da melhor maneira que pude. Essas memórias, da minha vida inteira, são recheadas de música, claro. E elas, às vezes, podem estar bem altas.

AUMENTE O SOM. DUÇA COMIGO.



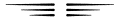
PARTE UM



MONTANDO O CENÁRIO

O DNA
NÃO
MENTE





— Pai, quero aprender a tocar bateria!

Eu sabia que esse dia ia chegar.

Lá estava Harper, minha filha de oito anos, me encarando com seus grandes olhos castanhos como se fosse a Cindy Lou Who, de *O Grinch*, segurando agitadas nas mãozinhas um dos meus pares de baquetas lascadas. Minha filha do meio, minha mini-eu, a que mais se parece fisicamente comigo. Sempre soube que ela acabaria se interessando por música, mas... bateria? Que coisa mais raspa de tacho, nível vaga de estagiário.

— Bateria? — respondi, com as sobrancelhas arqueadas.

— É! — guinchou ela, com aquele sorriso.

Parei um momento para pensar e, com a garganta começando a apertar com todas aquelas emoções, disse:

— Ok... E você quer que eu te ensine?

Aos pulinhos, calçando tênis quadriculados, ela timidamente fez que sim, e na mesma hora uma onda de orgulho paternal recaiu sobre mim, além de um sorriso de orelha a orelha. Nos abraçamos e subimos as escadas de mãos dadas até o meu escritório, onde há uma bateria velha. É uma lembrança que vou levar para sempre, feito um daqueles momentos melodramáticos em novelas ou em

comerciais megassentimentais do Super Bowl (aqueles que fazem até o mais cascudo entusiasta de *monster trucks* se debulhar em lágrimas em cima do molho de frango).

Bastou entrarmos no escritório para eu lembrar que nunca havia tido aulas profissionais e, portanto, não fazia a menor ideia de como ensinar alguém a tocar bateria. O mais próximo que cheguei de qualquer instrução musical mais estruturada foram umas poucas horas que passei na companhia de um baterista de jazz espetacular chamado Lenny Robinson, que eu via tocar todos os domingos à tarde num muquifo de jazz chamado One Step Down, em Washington. Era um clubeco na Pennsylvania Avenue, colado no bairro de Georgetown, mas ele não só atraía um monte de músicos itinerantes já de nome, como também abrigava um workshop de jazz todo fim de semana, no qual a banda da casa (cujo líder era Lawrence Wheatley, uma lenda do jazz local) se apresentava algumas vezes no salão escuro e lotado e convidava iniciantes para improvisar com eles no palco.



Na minha adolescência, nos anos 1980, aqueles workshops se tornaram um ritual dominical para mim e para minha mãe. A gente se sentava a uma mesinha, pedia bebidas e petiscos e passava horas vendo aqueles mestres da música tocarem, aproveitando a bela liberdade de improvisação do jazz tradicional. Ninguém nunca sabia o que esperar no interior daquelas paredes de tijolos sem adornos, com o ar impregnado de fumaça, onde o único som era o das músicas no palquinho (falar era expressamente proibido). Eu tinha quinze anos na época e estava no auge da minha obsessão pelo punk rock. Escutava apenas o que existisse de mais rápido e barulhento. Ainda assim, estabeleci um vínculo com os aspectos emocionais do jazz. Ao contrário da música pop e das suas convenções (que eu desprezava por completo na época, como o garoto de *A Profecia* ao entrar numa igreja), havia, na tapeçaria caótica das composições de jazz, um grau de beleza e dinamismo que me agradava. Às vezes, era estruturado; outras vezes, não. Mas, acima de tudo, eu amava a bateria de Lenny Robinson. Era algo que nunca tinha visto em shows de punk rock. Um som bombástico com precisão elegante; ele fazia tudo parecer muito fácil (hoje eu sei que não era).

Foi uma espécie de despertar musical para mim. Tendo aprendido a tocar bateria de ouvido no meu quarto, usando almofadas sujas, nunca havia tido alguém do meu lado para dizer o que estava “certo” ou “errado” e, por isso, tocava com uma fúria inconsistente e hábitos selvagens. *UMA VERSÃO PIORADA DO ANIMAL, DOS MUPPETS*. Lenny obviamente tinha algum grau de instrução formal, e eu ficava assombrado com a sensibilidade e o controle dele. Meus “professores” eram meus discos de punk rock: chapas de vinil rápidas, dissonantes, cheias de berro, com bateristas que poucos chamariam de *tradicionais*, mas cujo brilhantismo cru era inegável. Sempre vou dever muito a estes heróis pouco celebrados da cena marginal do punk rock. Bateristas como Ivor Hanson, Earl Hudson, Jeff Nelson, Bill Stevenson, Reed Mullin, D.H. Peligro, John Wright... A lista é longa. Até hoje

dá para ouvir ecos do trabalho deles no meu, com sua marca indelével surgindo em composições como “Song for the Dead”, do Queens of the Stone Age, “Monkey Wrench”, do Foo Fighters, ou até mesmo “Smells Like Teen Spirit”, do Nirvana (para citar apenas algumas). Todos esses músicos ficam aparentemente a anos-luz de distância da turma de Lenny, mas compartilhavam com ele um sentido familiar de beleza no caos estruturado, sentido este que eu amava naqueles domingos no One Step Down e que ralei para conseguir alcançar.

Numa tarde úmida de verão, minha mãe e eu decidimos comemorar o aniversário dela em mais um workshop semanal de jazz no clube. Aquilo já havia se tornado o nosso programa e é algo que ainda lembro com carinho. Nenhum outro amigo meu saía com os pais, ainda mais para ir a uma porra de clube de jazz no centro de Washington, e eu achava minha mãe maneira demais por isso, sem falar que era outra forma de fortalecer nossos laços. Em plena era da Geração X, do divórcio, das disfunções, nós realmente éramos amigos. Ainda somos! E foi naquele dia, depois de algumas porções de batatas fritas e performances do quarteto de Lawrence Wheatley, que minha mãe se virou para mim e disse:

— David, vai lá tocar com a banda como presente de aniversário pra mim?

Não lembro bem qual foi a minha reação, mas certamente foi algo na linha “VOCÊ SURTOU, CARALHO?”. Fazia só alguns anos que eu tinha começado a tocar bateria (almofadas) e, tendo aprendido a partir de discos arranhados de punk rock da minha coleção, NEM A PAU que conseguiria tocar JAZZ decentemente com aqueles fodões. O pedido era inimaginável, um delírio completo. Era me jogar aos leões. Um desastre iminente. Mas... era a minha mãe, e ela já tinha sido tão legal só por me levar até lá. Então...

Concordei, ainda que relutante, e me levantei devagar da nossa mesinha, navegando o recinto lotado de entusiastas do jazz a caminho da beirada do palco para colocar meu nome na lista manchada

de café. Havia duas colunas: “Nome” e “Instrumento”. Passei os olhos nos outros nomes de músicos aparentemente tarimbados da lista e, com a mão tremendo, fiz um rápido garrancho: “David Grohl — bateria.” Me senti como se estivesse assinando minha própria sentença de morte. Cambaleei de volta para nossa mesa, atordoado, achando que todo mundo estava de olho em mim e começando a empapar de suor meu jeans rasgado e minha camiseta de punk rock na mesma hora. O que eu tinha acabado de fazer? Nada de bom poderia sair daquilo! Cada minuto parecia uma hora enquanto chamavam um músico fantástico após o outro para entreter aquelas paredes sagradas e aqueles ouvidos experientes. Todos mais do que capazes de acompanhar aquelas feras do jazz. A cada momento, uma parte da minha confiança desaparecia. O estômago revirado, as palmas das mãos suadas, o coração disparado, tentando ao máximo entender o tempo alucinante dos músicos e pensando como eu conseguiria acompanhar os instrumentistas de nível técnico incrível que subiam toda semana naquele palco. *Pelo amor de Deus, não me chamem ainda*, eu pensava. *Pelo amor...*

E logo a voz arrastada de barítono profundo de Lawrence Wheatley ressoou nos alto-falantes, enunciando as temidas palavras que até hoje me assombram:

— Senhoras e senhores, recebam... na bateria... David Grohl.

Me levantei, tão tímido quanto os aplausos, que logo se dissiparam ao notar que eu, evidentemente, não era uma lenda com anos de serviços prestados ao jazz, mas um punk de classe média magrelo com cabelo esquisito, tênis All Star sujos e uma camiseta que dizia “KILLING JOKE”. O horror no rosto dos músicos quando fui até o palco fazia parecer que a própria Morte se aproximava. Lá, o grande Lenny Robinson me entregou as baquetas, me sentei com relutância em seu trono e, pela primeira vez, enxerguei o ambiente daquela perspectiva. Não mais seguro, escondido atrás da mesa cheia de petiscos da minha mãe, mas literalmente sob os holofotes, congelado, os olhos

de cada pessoa na plateia grudados em mim como se dizendo “Vai lá, moleque... mostra aí o que você sabe fazer”. Um, dois, três e a banda começou a tocar algo que eu jamais tinha tocado antes (ou seja, qualquer música de jazz), e fiz o melhor possível para acompanhá-la sem desmaiar sobre uma poça do meu próprio vômito. Sem solo, sem nada espalhafatoso, só mantenha o ritmo e não faça merda. Graças a tudo que é mais sagrado, a coisa toda foi muito rápida, sem vômito ou incidentes. Diferentemente do ocorrido com a maioria dos músicos que subiu ao palco naquele dia, a música que tocaram comigo era surpreendentemente curta (claro que não foi por acaso). Que surpresa! Fim de papo, saí dali com o alívio que se sente no fim de um tratamento de canal. Me levantei, agradei à banda com a boca seca e um sorriso nervoso e me curvei desajeitado diante da plateia. Se a banda soubesse qual era a minha intenção, teria entendido aquele ato desesperado e estúpido. Sob a caridade acidental daqueles pobres músicos, tive a chance de dar à minha mãe um presente de aniversário que ela nunca esqueceria (para a infelicidade de cerca de 75 pagantes), e isso significava mais para mim do que qualquer salva de palmas. Voltei cheio de vergonha para a nossa mesa e as nossas comidinhas, pensando que ainda faltava muito, mas muito, para que pudesse me considerar um baterista de verdade.

Aquela tarde fatídica acendeu um fogo em mim. Inspirado pelo fracasso, decidi que precisava aprender a tocar bateria com alguém que de fato soubesse o que estava fazendo e não ficar de teimosia, tentando aprender sozinho no chão do meu quarto. E, para mim, havia apenas uma pessoa que poderia me ensinar: o grande Lenny Robinson.

Alguns domingos depois, minha mãe e eu retornamos ao One Step Down, e, com toda a coragem ingênua que consegui reunir, abordei Lenny a caminho do banheiro.

— Hã... Com licença. O senhor dá aulas? — perguntei num balbúcio digno de *The Brady Bunch*.

— Sim, cara. Trinta dólares a hora — respondeu ele.

Trinta dólares a hora? São seis gramados que vou ter que cortar nesse calor infernal! É um fim de semana inteiro de trabalho na pizzaria! São 3,5 gramas de maconha que não vou poder fumar esta semana. FECHADO. Trocamos números de telefone e marcamos uma data. Lá ia eu me tornar o próximo Gene Krupa! Ou assim eu esperava...

Nossa casa de 120 metros quadrados em Springfield nem de longe tinha tamanho para abrigar uma bateria completa (por isso o treino improvisado com almofadas no meu quarto minúsculo), mas, como a ocasião era especial, trouxe a Tama baratinha de cinco peças do estúdio em que a minha banda, Dain Bramage, ensaiava, um instrumento absolutamente indigno do calibre de Lenny. Muito sem jeito, instalei a bateria imunda na frente do equipamento de som da sala e a poli com um resto de limpa-vidros que encontrei debaixo da pia da cozinha enquanto o aguardava todo ansioso, na esperança de que os vizinhos logo o ouvissem detonando nos tambores.... e achassem que era eu!

— Ele chegou! Ele chegou! — gritei, como se o Papai Noel tivesse acabado de estacionar em frente à nossa casa.

Mal conseguindo me conter, eu o recebi à porta e convidei para entrar na nossa salinha, onde a bateria o aguardava, tinindo, ainda com o cheiro do limpa-vidros recém-passado. Ele se sentou na banqueta, examinou o instrumento e logo se encarregou de fazer soar aqueles mesmos riffs impossíveis que ecoaram em tantos domingos no clube de jazz. Eu mal enxergava suas mãos e suas baquetas executando os rufares certos de tambores sem perder o ritmo. De queixo caído, não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo no mesmo pedaço de carpete onde eu tinha passado a vida sonhando em me tornar um baterista de primeira algum dia. Finalmente se concretizava. Aquele era o meu destino. Em breve, eu me tornaria o novo Lenny Robinson, e os riffs dele logo seriam meus.

— Ok — disse ele ao terminar. — Vamos ver o que você sabe fazer.

Reunindo toda a coragem que pude, me lancei ao apanhado de “*greatest hits*” de riffs e bossas surrupiados dos meus heróis do punk rock, atacando aquela bateriazinha fuleira feito uma criança hiperventilada em pleno chique, numa explosão gloriosa e bruta de falta de ritmo. Lenny observou com atenção e, com um olhar severo, logo se deu conta do enorme trabalho que tinha pela frente. Depois de alguns cacófonos minutos de solos desastrosos, ele me interrompeu.

— Ok... Para começar... você está segurando as baquetas de cabeça para baixo.

Primeira lição. Constrangido, mudei-as rapidamente de posição, me desculpendo por aquele erro de principiante. Sempre as havia segurado daquela forma por achar que o lado mais grosso produziria um som mais poderoso ao acertar os tambores, o que fazia sentido no estilo neandertal que eu adotara. Nunca tinha me dado conta de ser a antítese da batida do jazz. Coitado de mim. Ele então pegou a minha mão esquerda e me mostrou a maneira correta de segurar a baqueta, entre o polegar e o dedo médio, como faziam todos os grandes bateristas antes dele e com certeza antes de mim. Esse simples ajuste zerou por completo tudo que eu achava saber sobre tocar bateria até então. Eu vacilava atrás do instrumento como se estivesse aprendendo a andar de novo após dez anos em coma. Enquanto lutava para conseguir segurar a baqueta daquele jeito novo e impossível, ele começou a me mostrar como fazer *single-stroke rolls* simples num pad de treino. Direita, esquerda, direita, esquerda. Acertar o pad várias vezes em ritmo lento até encontrar um padrão consistente. Direita, esquerda, direita, esquerda. De novo. Direita, esquerda, direita, esquerda. Quando dei por mim, a aula havia terminado, e foi quando me toquei de que, a trinta dólares a hora, provavelmente seria mais barato me especializar em cirurgia cerebral ou qualquer porra dessas do que aprender a tocar

bateria como Lenny Robinson. Dei o dinheiro a ele, agradeci pela boa vontade, e ficou por isso mesmo. Minha única aula de bateria.

— Tá bem... hum... então, esse é o bumbo. Coloca o pé aí — falei, enquanto Harper repousava seu pequeno tênis no pedal. — Ali é o chimbau. Coloca o outro pé.

Acomodada na banqueta, baquetas na mão, ela se preparava para sentar a porrada. Sem a mínima ideia do que eu devia fazer, pulei toda aquela baboseira de direita-esquerda-direita-esquerda que Lenny Robinson tinha me ensinado (com todo o respeito, Lenny) e decidi mostrar logo a ela uma batida.

— Hum... tá... isso é um padrãozinho simples de bumbo e caixa... — depois de algumas tentativas frustradas, fiz sinal para ela parar e continuei: — Espera aí, já volto.

Saí correndo do escritório, porque sabia do que ela precisava. Não era de mim. Era de *Back in Black*, do AC/DC.

Pus a faixa-título e pedi para ela prestar atenção.

— Tá escutando? — perguntei. — Esse é o bumbo. Esse é o chimbau. Essa é a caixa.

Ela prestou atenção e começou a tocar. O tempo dela era incrivelmente consistente, o que qualquer baterista sabe que já é meio caminho andado. Sua noção de ritmo era natural, e, quando se encontrou na coordenação dos movimentos, ela começou a tocar com muito jeito. Com o coração cheio de orgulho, eu pulava e fazia festa, batendo cabeça e cantando a letra enquanto Harper tocava. Foi quando me dei conta de algo curioso: sua postura. As costas largas ligeiramente inclinadas para a frente, os braços angulosos e os cotovelos mirrados meio abertos, o queixo erguido acima da caixa... e caiu a ficha. ERA UMA CÓPIA PERFEITA DE MIM QUANDO TOCAVA BATERIA NA IDADE DELA. A sensação era um misto de viagem no tempo e projeção de consciência. E não só isso: ali estava a minha mini-eu, minha gêmea sorridente, aprendendo a tocar bateria exatamente como eu tinha aprendido 35 anos antes, ouvindo música

com um dos pais. Mas não fiquei exatamente surpreso. Foi como falei: eu sabia que aquele dia ia chegar.

Como contei no prefácio do livro da minha mãe, *From Cradle to Stage* [*Do berço ao palco*, em tradução livre], considero que esses impulsos musicais não são exatamente um mistério. Predeterminados, talvez, muito bem inseridos em algum ponto da cadeia de DNA, esperando o momento de virem à tona.

Escrevi o seguinte: “O DNA é algo milagroso. Todos carregamos traços de gente que nunca conhecemos gravados profundamente em algum ponto da nossa química. Não sou cientista, mas acredito que as minhas habilidades musicais são a prova disso. Não houve qualquer intervenção divina. É tudo carne e osso. É algo que vem de dentro para fora. No dia em que peguei uma guitarra e toquei ‘Smoke on the Water’, do Deep Purple, de ouvido, soube que só precisava mesmo do DNA e de muita paciência (algo que, evidentemente, minha mãe tinha de sobra). Meus ouvidos, meu coração e minha mente nasceram de alguém. Alguém que tinha o mesmo amor pela música, pelas canções. Fui abençoado com uma sinfonia genética, esperando para ser executada. Só foi preciso aquela fagulha...”

A “fagulha”, no caso da Harper, tinha se acendido no dia anterior, no Roxy, um clube noturno na Sunset Boulevard, quando ela se sentou para assistir ao primeiro show da irmã mais velha, Violet, que subiu ao palco na tenra idade de onze anos.

Sim, eu também já esperava por essa.

Violet era uma criança muito verbal. Aos três anos, já tinha o vocabulário e a clareza da fala de uma criança bem mais velha. Vivendo dando sustos em garçons desprevenidos com pedidos plenamente enunciados do alto da sua cadeirinha, como:

— Senhor? Pode trazer mais manteiga para o pão, por favor?

Eu quase me mijava de rir toda vez só de olhar para a cara de surpresa das pessoas, como se ela estivesse sendo controlada por

um ventríloquo. Certa vez, quando Violet deu um piti na mesa do jantar, em casa, tentei acalmá-la dizendo:

— Olha, tudo bem, todo mundo fica com raiva às vezes. Até eu fico!

E ela respondeu:

— Não estou com raiva, só estou FRUSTRADA!

(Eu *ainda* não sei a diferença, mas Violet sabe.)

Acabei percebendo que ela tinha uma ótima memória auditiva e um sentido avançado de reconhecimento de padrões, o que lhe dava um talento para fazer imitações ou repetições de ouvido perfeitas. Não demoraria para ela fazer sotaques a pedido das pessoas, imitações sem defeitos de irlandeses, escoceses, ingleses, italianos e por aí vai, tudo isso antes mesmo de podermos dispensar a cadeirinha manchada de vitamina durante nossas saídas de carro.

Em pouco tempo, o amor de Violet pela música aguçou seu ouvido para conceitos como tom e afinação. Eu a ouvia cantar no banco traseiro e comecei a reparar em como ela prestava atenção aos movimentos mais sutis das vozes de seus cantores favoritos. As harmonias dos Beatles, o vibrato de Freddie Mercury, a alma de Amy Winehouse (talvez o momento mais memorável de todos, pois nada como ouvir “Rehab” na voz de sua filha de cinco anos, cantando palavra por palavra usando o pijama estampado com personagens do programa infantil *Yo Gabba Gabba!*). Era evidente que ela levava jeito. Seria apenas uma questão de tempo até a fagulha se acender.

A fagulha acabou virando um incêndio. A música se tornou um norte na sua vida, e ela não demorou a formar uma banda de rock com os amigos da escola. A cada performance, foi ganhando força e confiança, movida pelo ouvido musical voraz e profundamente diverso, capaz de acompanhar cantando tanto Aretha Franklin quanto Ramones, seu alcance se ampliando à medida que investia no caminho de descoberta e inspiração. Sua sinfonia genética estava sendo executada, e nos restava apenas escutar. Afinal, é algo que vem de dentro para fora.

No dia da apresentação de Violet no Roxy, o primeiro show “oficial” da sua banda, me sentei com a minha família na plateia para ouvi-la cantar seu repertório. Minhas favoritas foram “Don’t Stop Believin’”, do Journey, “Hit Me With Your Best Shot”, de Pat Benatar, e “Sweet Child o’ Mine”, do Guns N’ Roses, mas, durante a performance, tive que parar por um instante para entender o que estava acontecendo ali. À minha esquerda, os olhos de Harper brilhavam com o sonho de um dia fazer música também. À minha direita, minha mãe era a testemunha orgulhosa de outra geração da família a abrir o coração para um salão cheio de estranhos. Foi uma experiência profunda, muito bem resumida na mensagem enviada pela minha mãe no dia seguinte. “Agora VOCÊ sabe qual é a sensação de ficar sentado nervoso na plateia e ver a SUA filha subir ao palco pela primeira vez, com cabelo esquisito, jeans e camiseta, para ir atrás de um sonho.” Ela tinha razão. Não era intervenção divina. Era sangue.

Desde então, já me apresentei com ambas as filhas na frente de milhares de pessoas mundo afora e, todas as vezes, tenho uma sensação bem semelhante ao orgulho da minha mãe naquela tarde úmida de verão no One Step Down tantos anos atrás. Ver a paixão e a coragem das minhas filhas ao se arrisarem assim é a maior dívida da minha vida. Espero que um dia sejam os filhos *delas* a sentirem essa mesma alegria e ecoarem as últimas palavras que escrevi anos atrás para o livro da minha mãe:

“Mas, para além de qualquer informação biológica, há o amor. Algo que desafia a ciência e a razão. E isso eu tive a grande sorte de receber. Talvez seja o fator que mais define a vida de alguém. É com certeza a maior musa de um artista. E não há amor como o amor de mãe. É a melhor música da vida. Todos temos uma dívida para com as mulheres que nos deram a vida. Porque, sem elas, não haveria música.”

Não é preciso ser fã do Nirvana ou do Foo Fighters para saber que Dave Grohl é uma das figuras mais queridas e respeitadas da música mundial. De sua entrada na banda punk Scream, no fim da adolescência, até o enorme sucesso do Foo Fighters — passando pelos estrondosos anos no Nirvana —, Dave tem uma trajetória marcada por situações bizarras, dores inimagináveis, contratempos descomuns e conquistas ainda maiores. Em *O contador de histórias*, uma reunião de memórias de todos os períodos de sua vida, ele oferece algo raro: um retrato íntimo e sincero de uma vida extraordinária feita de momentos comuns — e de outros nem tanto assim.

Repleto de reflexões sobre rock, família, carreira e as encruzilhadas que encontramos na vida, esta autobiografia traz a perspectiva de um dos maiores nomes do rock sobre a fama, em relatos carregados de honestidade, emoção e humor. Da infância até os dias atuais, seja falando de seu amor visceral pela música, de sua conexão com sua cidade natal ou do orgulho que sente das filhas, o músico entrega agora em prosa toda a verdade que encontramos em suas canções.

Conhecemos o músico Dave Grohl. Agora, *O contador de histórias* apresenta o homem por trás da lenda.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1127/>